

A ninfa do lago

Irmãos Grimm

Edição 1.0.0 · Português brasileiro

Era uma vez um moleiro que levava uma vida feliz com sua mulher. Tinham dinheiro e bens, e sua prosperidade aumentava de ano para ano. Mas a desgraça vem da noite para o dia: assim como a riqueza deles crescera, tornou a diminuir de ano para ano, e, por fim, o moleiro mal podia chamar de seu o próprio moinho em que vivia. Estava cheio de aflição e, quando se deitava depois do trabalho do dia, não encontrava descanso; revirava-se na cama, tomado de preocupações. Certa manhã, levantou-se antes do amanhecer e saiu ao ar livre, pensando que isso lhe aliviaria o coração. Enquanto caminhava pela barragem do moinho, surgiu o primeiro raio de sol, e ele ouviu um ruído de água no lago. Virou-se e viu uma bela mulher que se erguia lentamente das águas. Seus longos cabelos, que ela segurava sobre os ombros com as mãos delicadas, caíam dos dois lados e cobriam seu corpo branco. Ele percebeu que era a ninfa do lago e, de tanto medo, não sabia se devia ir embora ou ficar. Mas a ninfa fez ouvir sua voz suave, chamou-o pelo nome e perguntou por que estava tão triste. A princípio o moleiro ficou sem fala; mas, ao ouvi-la falar de maneira tão amistosa, tomou coragem e lhe contou que antes vivera feliz e rico, mas agora estava tão pobre que não sabia o que fazer.

— Fique tranquilo — respondeu a ninfa. — Vou torná-lo mais rico e mais feliz do que jamais foi; só precisa me prometer que me dará o que acaba de nascer em sua casa.

“O que pode ser”, pensou o moleiro, “senão um cachorrinho ou um gatinho?” E prometeu o que ela pedia. A ninfa tornou a descer para dentro da água, e ele correu para seu moinho, consolado e animado. Ainda não tinha chegado quando a criada saiu pela porta e lhe gritou que devia se alegrar: sua mulher tinha dado à luz um menino. O moleiro ficou como se tivesse sido atingido por um raio; bem via que a traiçoeira ninfa sabia daquilo e o tinha enganado. De cabeça baixa, foi até a cama da mulher e, quando ela perguntou:

— Por que não se alegra com este menino tão bonito?

Ele lhe contou o que havia acontecido e a promessa que fizera à ninfa.

— De que me servem felicidade e riqueza — acrescentou —, se tenho de perder meu filho? Mas o que posso fazer?

Nem os parentes que tinham vindo dar os parabéns souberam aconselhá-lo.

Entretanto, a boa sorte voltou à casa do moleiro. Tudo o que empreendia dava certo; era como se as caixas e os baús se enchessem sozinhos e o dinheiro no armário aumentasse durante a noite. Não demorou para que sua riqueza fosse maior do que nunca. Mas ele não podia desfrutá-la sem inquietação: a promessa feita à ninfa lhe atormentava o coração. Sempre que passava pelo lago, temia que ela surgisse e viesse cobrar sua dívida. Não deixava o menino chegar perto da água.

— Cuidado — dizia-lhe. — Se tocar na água, uma mão vai sair, agarrá-lo e puxá-lo para o fundo.

Mas, como os anos foram passando e a ninfa não tornava a aparecer, o moleiro começou a se tranquilizar.

O menino cresceu, tornou-se um rapaz e foi aprender o ofício com um caçador. Quando terminou o aprendizado e se tornou um bom caçador, o senhor da aldeia o tomou a seu serviço. Havia na aldeia uma moça bonita e fiel que agradava ao caçador; quando seu senhor percebeu isso, deu-lhe uma casinha. Os dois se casaram, viviam tranquilos e felizes e se amavam de todo o coração.

Certa vez, o caçador perseguia um corço. Quando o animal saiu da floresta para o campo aberto, ele o seguiu e finalmente o abateu com um tiro. Não percebeu que estava perto do lago perigoso e, depois de tirar as entranhas do animal, foi à água lavar as mãos manchadas de sangue. Mas mal as mergulhara quando a ninfa surgiu, abraçou-o rindo com seus braços molhados e o puxou para o fundo tão depressa que as ondas se fecharam sobre ele.

Ao anoitecer, como o caçador não voltava para casa, sua mulher ficou aflita. Saiu à sua procura e, como ele muitas vezes lhe contara que precisava se precaver das armadilhas da ninfa e não podia se aventurar perto do lago, ela já desconfiava do que tinha acontecido. Correu até a água e, ao encontrar a bolsa de caça dele na margem, não pôde mais duvidar da desgraça. Lamentando-se e torcendo as mãos, chamou seu amado pelo nome, mas em vão. Correu para o outro lado do lago e tornou a chamá-lo; dirigiu palavras duras à ninfa, mas não houve resposta. O espelho da água continuou tranquilo; só a metade do rosto da lua a fitava imóvel, refletida na superfície.

A pobre mulher não deixou o lago. A passos rápidos, sem parar nem descansar, dava voltas e mais voltas ao redor dele, às vezes em silêncio, às vezes soltando um grito forte, às vezes gemendo baixinho. Por fim suas forças acabaram: caiu no chão e mergulhou num sono profundo. Logo teve um sonho.

Subia aflita por entre grandes blocos de rocha; espinhos e ramagens se prendiam a seus pés, a chuva lhe batia no rosto e o vento lhe revolia os longos cabelos. Quando chegou ao alto, encontrou uma paisagem completamente diferente. O céu estava azul, o ar era ameno, o terreno descia suavemente e, numa campina verde salpicada de flores coloridas, havia uma cabana asseada. Ela se aproximou e abriu a porta; lá estava sentada uma velha de cabelos brancos, que lhe acenava amistosamente. Naquele instante a pobre mulher acordou. O dia já tinha raiado, e ela decidiu imediatamente seguir o sonho. Subiu com dificuldade a montanha, e tudo era como tinha visto durante a noite. A velha a recebeu com bondade e lhe indicou uma cadeira para se sentar.

— Você deve ter passado por uma desgraça — disse —, já que veio procurar minha cabana solitária.

A mulher lhe contou, entre lágrimas, o que tinha acontecido.

— Console-se — disse a velha. — Vou ajudá-la. Aqui está um pente de ouro. Espere até a lua cheia nascer; depois vá até o lago, sente-se à margem e penteie seus longos cabelos negros com este pente. Quando terminar, deixe-o na margem e verá o que acontece.

A mulher voltou, mas o tempo até a lua cheia passou devagar para ela. Por fim o disco luminoso apareceu no céu; então foi até o lago, sentou-se e penteou seus longos cabelos negros com o pente de ouro. Quando terminou, deixou-o à beira da água. Não demorou e um estrondo veio das profundezas; uma onda se ergueu, rolou até a margem e levou o pente consigo. Mal passou o tempo necessário para que o pente afundasse, a superfície da água se abriu e a cabeça do caçador surgiu. Ele não falou, mas olhou tristemente para sua mulher. No mesmo instante, uma segunda onda veio rugindo e cobriu a cabeça do

homem. Tudo tinha desaparecido; o lago estava tão tranquilo quanto antes, e só o rosto da lua cheia brilhava sobre ele.

Sem consolo, a mulher voltou, mas o sonho lhe mostrou a cabana da velha. Na manhã seguinte tornou a se pôr a caminho e contou sua dor à mulher sábia. A velha lhe deu uma flauta de ouro e disse:

— Espere até a lua cheia voltar; depois leve esta flauta, sente-se à margem e toque nela uma bela canção. Quando terminar, deixe-a sobre a areia; você verá o que acontece.

A mulher fez como a velha dissera. Mal a flauta estava na areia, ouviu-se um estrondo nas profundezas: uma onda se ergueu, aproximou-se e levou a flauta consigo. Pouco depois a água se abriu, e surgiu não só a cabeça, mas também o homem até a metade do corpo. Cheio de desejo, ele estendeu os braços para ela; mas uma segunda onda veio rugindo, cobriu-o e o arrastou de novo para o fundo.

— Ah, de que me serve — disse a infeliz — avistar meu amado só para perdê-lo outra vez?

A tristeza tornou a encher seu coração, mas o sonho a levou pela terceira vez à casa da velha. Pôs-se a caminho, e a mulher sábia lhe deu uma roda de fiar de ouro, consolou-a e disse:

— Ainda não está tudo concluído. Espere até a lua cheia chegar; então leve a roda de fiar, sente-se à margem e encha o carretel de fio. Quando terminar, ponha a roda perto da água, e verá o que acontece.

A mulher seguiu tudo com exatidão. Assim que a lua cheia apareceu, levou a roda de fiar de ouro até a margem e fiou diligentemente até o linho acabar e o carretel ficar inteiramente cheio de fio. Mas mal a roda estava à beira do lago,

ouviu-se um estrondo ainda mais forte nas profundezas; uma onda poderosa veio depressa e levou a roda consigo. Logo, com um jato de água, ergueram-se a cabeça e todo o corpo do homem. Ele saltou rapidamente para a margem, tomou a mulher pela mão e fugiu com ela. Mas mal tinham se afastado um pouco, o lago inteiro se ergueu com um rugido terrível e se lançou com violência pelos campos abertos. Os fugitivos já viam a morte diante dos olhos quando a mulher, apavorada, pediu o auxílio da velha; naquele instante foram transformados: ela em um sapo, ele em uma rã. A inundação os alcançou, mas não pôde matá-los; separou-os, porém, e levou cada um para bem longe.

Quando a água escoou e os dois tornaram a tocar o chão seco, recuperaram a forma humana. Mas nenhum sabia onde o outro tinha ido parar. Estavam entre pessoas estranhas, que não conheciam sua terra natal. Altas montanhas e vales profundos os separavam. Para sobreviver, os dois tiveram de guardar ovelhas. Durante longos anos conduziram seus rebanhos por campos e florestas, cheios de tristeza e saudade.

Quando a primavera tornou a brotar da terra, os dois saíram um dia com seus rebanhos, e o acaso quis que caminhassem um ao encontro do outro. Ele avistou um rebanho numa encosta distante e conduziu suas ovelhas naquela direção. Encontraram-se num vale, mas não se reconheceram; ainda assim, ficaram contentes por já não estarem tão sozinhos. Desde então levavam todos os dias seus rebanhos lado a lado. Falavam pouco, mas se sentiam consolados. Certa noite, quando a lua cheia brilhava no céu e as ovelhas já descansavam, o pastor tirou a flauta do bolso e tocou uma bela canção, porém triste. Quando terminou, percebeu que a pastora chorava amargamente.

— Por que está chorando? — perguntou.

— Ah — respondeu ela —, a lua cheia também brilhava assim quando toquei esta canção pela última vez na flauta e a cabeça do meu amado surgiu da água.

Ele olhou para ela, e foi como se uma venda lhe caísse dos olhos: reconheceu sua querida mulher. E, quando ela o fitou e a lua iluminou o rosto dele, também o reconheceu. Abraçaram-se e se beijaram; e se estavam felizes, ninguém precisa perguntar.

Texto e edição: As Verdadeiras Histórias

Tradução: Codex · tradução assistida por IA

Revisão: Codex · revisão independente por IA

Produção: Bons Filhos Educação

<https://verdadeirashistorias.com.br/contos/a-ninfa-do-lago>